



A FAMÍLIA DE ESTUDANTES SURDOS: E A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO EM LIBRAS PARA PROCESSO DE APRENDIZAGEM

TELMA PINHEIRO MOTA BATISTA -UEA¹
JOAB GRANA REIS-UEA²

RESUMO:

A presente pesquisa intitulada “Família de estudantes surdos: importância da comunicação em Libras para processo de aprendizagem”, aponta a discussão e reflexão quanto ao conhecimento da Libras pela família e sua contribuição para o desenvolvimento global do seu filho (a). Nesta perspectiva o estudo teve como objetivo geral: Conhecer como ocorre a comunicação entre estudantes surdos e pais ouvintes e identificar as barreiras encontradas pela ausência do conhecimento da Libras para o acompanhamento no processo educacional. A pesquisa caracteriza-se por uma pesquisa qualitativa e de campo, realizada em uma escola específica para estudantes surdos e surdos-cegos da rede estadual de ensino da cidade de Manaus. Participaram 08 (oito) familiares pertencentes ao curso de Libras; 01 (uma) professora do curso de Libras e 08 (oito) . Para coleta de dados utilizou-se como técnica o grupo focal e observação. Como resultado constatou-se as barreiras que os pais encontram ao se deparar com uma criança surda: ausência da comunicação e a construção de uma linguagem envolvendo mímicas e gestos, surgindo assim à necessidade de conhecer e dominar a Libras no sentido de contribuir com a aprendizagem de seu filho, elevando a auto-estima, fortalecendo a afetividade e a identidade lingüística, identitária e cultural do ser surdo, bem como seu conhecimento de mundo.

PALAVRAS -CHAVE: Família – Surdez- Libras - Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos apontam algumas reflexões e discussões acerca da participação da família dos estudantes surdos em sua vida acadêmica e familiar, pois as primeiras relações afetivas, sociais e culturais ocorrem inicialmente no ambiente familiar. Diante da presença de uma criança surda em um ambiente de pais ouvintes, se constituem inúmeras barreiras como a própria aceitação, haja vista que estamos inseridos numa sociedade onde as diferenças são negadas a partir de padrões estabelecidos socialmente e culturalmente. Outra questão diz respeito ao desconhecimento ou privação de uma língua fator que tem gerado a negação do conhecimento de mundo de muitos sujeitos surdos.

¹ Graduada em Pedagogia. E-mail

² Professora Mestre da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: joabgrana@yahoo.com.br

1.1 Os conflitos da família moderna

A grande diversidade de estrutura familiar e de núcleos domésticos tornou-se uma característica cotidiana de novos tempos. Não há mais um único modelo de família, os novos modelos de vida familiar reformulam as posições dos filhos, as funções parentais e o papel da família de origem, um exemplo bem visto é o crescente número de famílias monoparentais. A este respeito Aurélio ressalta que:

São famílias formadas por um dos pais e seus descendentes, organizam-se tanto pela vontade de assumir a maternidade ou paternidade sem a participação do outro genitor, quanto por circunstâncias alheias à vontade humana, entre as quais à morte, a separação, ou o abandono (2001, p.470).

Essas transformações têm atingindo inúmeros grupos familiares, de acordo com a cultura e o contexto social, portanto as famílias de surdos não são alheias a essas mudanças. Apesar de todas essas modificações a função familiar possui características importantes para o desenvolvimento do ser humano, uma delas é a socialização que é um processo pelo qual as crianças apreendem as normas culturais da sociedade em que vive, lembrando que isso ocorre a partir dos primeiros anos da infância e segue durante toda a vida. A este respeito Salvador destaca que:

O desenvolvimento do indivíduo se dá na interação entre a bagagem biológico-hereditária e a bagagem cultural própria do grupo que acolhe o ser humano, mediado, em primeira instância, pelos seus responsáveis mais próximos e, em uma dimensão mais ampla, pelas instituições, pelos valores e pela organização social da qual esse grupo faz parte (1999, p. 141).

Esta fala nos remete a responsabilidade que a família possui no desenvolvimento de seu filho e mais enfatiza o quanto as relações sociais que se constrói no ambiente escolar também são importantes mesmo porque normalmente o convívio com seus pares acontecem nas instituições educacionais.

É a partir desses processos sociais que a família vem sendo estudada e enfatizada, não somente no âmbito emocional mais em outros, pois é importante entendermos que a estrutura familiar não é estática, mas acompanha o ritmo da transformação social e econômica.

Diante do exposto, como ocorre a dinâmica da família com um filho surdo? Sabe-se das barreiras encontradas, desde o momento da descoberta, que é caracterizada pela fase do choque, onde surge a confusão dos sentimentos vivenciados pelos pais; em seguida a família passa pelo processo de decepção, a não aceitação, a revolta, até a chegada do momento de adaptação, onde

descobrem as potencialidades de seu filho, a busca pelo conhecimento a respeito da surdez, e o surgimento de novos objetivos. Danesi ressalta que:

[...] os pais enfrentam uma situação de desamparo, sem apoio necessário e com falta de informações adequadas, buscando assim a opinião majoritária da sociedade, que reproduz a ideologia contra as diferenças, e reforça o preconceito e impulsiona os pais para rejeição ou para a superproteção de seus filhos (2001, p.47).

Essas representações sociais permeiam as relações sociais e culturais, contribuindo para a invisibilidade desse outro considerado diferente. As relações de negação de uma pessoa surda têm início no ambiente familiar, questão que podemos elucidar a partir de uma experiência relatada no espaço da escola em que foi realizada a pesquisa: quando os alunos ficam ausentes da escola, são adotados alguns procedimentos para o retorno do mesmo, entre os procedimentos adotados, há o contato por meio do telefonema para a residência do aluno. Ao dizer o nome do estudante, a maioria das vezes não há um reconhecimento, somente quando ocorre a descrição e ênfase de se tratar de uma pessoa surda. Diante deste contexto podemos, retratar a invisibilidade e a exclusão.

Ao nascer surdo, em um lar ouvinte, coloca não só a pessoa que não ouve, como todos os integrantes da família, em uma situação complexa e delicada envolvendo laços familiares e de identidade. Como diz Skilar “o ouvintismo - as representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos – e o oralismo – a forma institucionalizada do ouvintismo continuam sendo, ainda hoje, discursos hegemônicos em diferentes partes do mundo” (1998, p.47). São esses discursos que Lopes retrata quando diz:

A modernidade tratou de dividir, fragmentando assim o mundo em binarismos, no qual o normal se confronta com o *anormal*, o bom *versus* o ruim, partindo dessa lógica que não só a surdez, mas qualquer coisa que fuja do senso comum seja posicionada em lugares de exclusão por serem narradas como inferiores, primitivas, sustentando assim uma sociedade na qual a diferença não é respeitada (2006, p.15).

Os pais, por sua vez, devem assumir seu papel, sabemos das barreiras encontradas perante a sociedade, porém não devemos ter medo e nem colocá-los como um estranho em seu próprio lar. É importante que se desperte o aprendizado, pois eles são capazes de enfrentar e encontrar soluções para os desafios da vida; as experiências que são oportunizadas possuem importância para a construção de sua identidade. A esse respeito Carvalho relata “[...] suas experiências continuamente marcadas por práticas culturais e políticas com as quais convivem no cotidiano é que vão permitir-lhes conceituar suas diferenças e construir o “eu”, o “outro” e o “nós, como categorias distintas (2008, p. 16).

Durante esses acontecimentos que as experiências se diferenciam de acordo com cada sujeito, por mais que suas limitações sejam as mesmas suas experiências não são, é nesse momento que a família deve desenvolver características positivas que desperte suas capacidades.

1.2 As barreiras encontradas pela família na ausência de comunicação

Mais importante do que falar é ser respeitado, é poder ter experiências significativas que possibilitem o pleno domínio de uma língua compartilhada e de um processo de identidade.

Tendo em vista todos os estereótipos que o surdo carrega, o preconceito é enfatizado principalmente na oposição ouvinte/surdo, e não é de se estranhar que os pais ouvintes busquem muitas vezes a oralização de seus filhos e neguem a existência da Libras. Quem nos esclarece essa ideia é Skliar quando afirma que “a intenção de que as crianças surdas sejam, em um hipotético futuro, adultos ouvintes, originou um doloroso jogo de ficção nas identificações e nas identidades surdas” (1998, p.21).

Muitas vezes isso acontece quando os pais se sentem impotentes diante das barreiras da comunicação com o seu filho, e com isso o filho se torna um estranho dentro de sua própria casa. Uma vez que a maioria dos pais não sabe se comunicar com seus filhos, desconhecem a Libras, levando a construção de uma comunicação restrita e fragmentada, como somente o uso de mímicas e gestos. Alguns pais alegam medo, principalmente quando o surdo se torna adolescente, pois o surdo sente a necessidade de ser compreendido e isso algumas vezes só acontece fora de casa na comunidade surda.

Neste momento que o surdo procura seus pares, onde o domínio da língua de sinais prevalece, é a partir dessa convivência que se entende e se constrói uma identidade surda, essa ideia não pode ser entendida como uma ameaça para os pais, ao contrário, é nessa interação que o surdo se desenvolve e adquire uma língua, tornando-se mais tarde livre e independente.

A criança que não tem a oportunidade de se desenvolver dentro de seu próprio lar se torna alienada, um exemplo disso seria nas pequenas convivências rotineiras como no almoço ou jantar: normalmente ele é deixado de lado, não participa das conversas, não se pergunta pelo seu dia, não se comenta o que é passado no jornal. Essas são características de uma família que não estabelece comunicação, não sabem Libras e o pior não compreendem o quanto isso pode mudar toda a história de vida de seu filho. Essa questão autora surda, Laboritt sinaliza que:

Os adultos ouvintes que privam seus filhos da língua de sinais nunca compreenderão o que se passa na cabeça de uma criança surda. Há a solidão, e a resistência, a sede de se comunicar e algumas vezes, o ódio. A exclusão da família, da casa onde todos falam sem se preocupar com você. Porque é preciso sempre pedir, puxar alguém pela manga ou pelo vestido para saber, um pouco, um pouquinho, daquilo que se passa em sua volta. Caso contrário, a vida é um filme mudo, sem legenda (1994, p.59).

Diferente da família ouvinte, a família de surdo quando descobre que seu filho será surdo sente alegria, pois já existe todo um entendimento do que é “ser surdo”. Os filhos surdos de pais surdos podem usufruir desde o princípio de uma comunicação total com seus parentes, cresce com um enorme senso de confiança e de identidade pessoal e cultural.

É primordial que se melhore a qualidade de comunicação entre o surdo e sua família ouvinte, pois ele se sente integrado e participativo em seu ambiente familiar. É importante que ele dê sua opinião, pois ele tem capacidade para isso, a grande barreira é a falta de domínio de sua língua na qual os pais algumas vezes não entendem o que seu filho quer dizer.

Mas quando se proporciona essa troca de experiências entre os pais e filhos a relação familiar passa a ser modificada. Surge à possibilidade da família compreender a surdez, os pais descobrem o mundo essencialmente visual-espacial e conhecem a língua de sinais. As crianças surdas e seus pais ouvintes podem compartilhar um ambiente bilingüe: Língua de Sinais Brasileira e Língua Portuguesa e ir além, descobrindo os vieses das culturas e identidades que se entrecruzam.

Isso possibilitará a aquisição da linguagem da criança e implicará um desenvolvimento mais consistente no seu processo escolar. Segundo Cummins “crianças que vão para escola com uma língua consolidada, terão possibilidades de desenvolver habilidades de leitura e escrita com muito mais consistência” (2003, p.30).

Quando a criança surda tem a chance desde o início de seu desenvolvimento contar com pais dispostos a aprender a língua de sinais, com adultos surdos, com colegas ou até mesmo em cursos de Libras, elas passam a narrar em sinais e a dimensão de seu processo educacional será outro. Isso irá refletir no espaço escolar no qual a criança irá transferir os seus conhecimentos de mundo para a Língua de Sinais e isso trará o entendimento mais rápido de significado e significante. Mas infelizmente essa não é uma realidade que acompanha a maioria das pessoas surdas, cabendo, portanto a escola a responsabilidade de contribuir para a construção lingüística, identitária e cultural dos estudantes surdos.

1.3 A importância do domínio da Libras entre os pais de alunos surdos

É importante que os pais dominem a Libras porque é uma forma de se interessar pelo mundo do surdo, de transmitir conceitos e conhecimentos de forma eficaz. Como muitos estudiosos acreditam o ouvinte só aceita o surdo realmente, quando se aceita a Libras, pois a língua faz parte da pessoa. Skliar assinala que:

Os surdos formam uma comunidade lingüística minoritária caracterizada por compartilhar uma língua de sinais e valores culturais, hábitos e modos de socialização próprios. Inúmeras investigações já comprovaram com dados científicos rigorosos que a língua de sinais é a língua natural das pessoas surdas e que cumpre todas as funções de qualquer outra língua, apesar disto, continua uma tendência em sua desvalorização, o que faz com que a maioria das famílias não se interesse por este aprendizado (1998, p.38).

A Libras é uma língua que possui todos os sistemas simbólicos no qual o ser humano descobre novas formas de pensamento, transformando sua concepção de mundo. Tendo em vista estas colocações, torna-se bastante claro, que propiciar à pessoa surda a exposição a uma língua o mais

cedo possível, obedecendo às fases naturais de sua aquisição é fundamental ao seu desenvolvimento. Privá-la desse direito, sob qualquer alegação, é desrespeitá-la em sua integridade.

Quadros acredita que “o domínio de uma língua adquirida em sua totalidade e fluência permite ao ser humano a produção de novos signos, da combinação entre signos e novos sentidos para os signos em jogo, não apenas no processo de comunicação como no processo cognitivo” (2005, p.19).

A língua de sinais deve ser observada não apenas como a língua de uma minoria lingüística, mas por sua natureza e peculiaridades de estruturação e representação que são próprias de um sistema significante distinto da língua verbal articulada.

Podemos questionar, então, por que a surdez causa tantas conseqüências se o surdo tem um canal espaço-visual tão competente quanto o canal auditivo-oral para se comunicar. Após muitos estudos chegou-se à conclusão de que o problema de surdo não é orgânico e sim social e cultural. Sanchez nos lembra que “a história contemporânea da surdez é história de uma infâmia, e que realmente não é possível admitir que ainda se possa tentar proibir os surdos de se comunicar através de sua língua natural” (1990, p.20).

A história da educação dos surdos mostra que as crianças surdas não têm contato com a língua de sinais desde pequena e como não podem adquirir a língua oral num ritmo semelhante ao das crianças ouvintes, elas, na esmagadora maioria das vezes, sofrem atraso de linguagem.

A aprendizagem, no sentido amplo do termo, está presente durante todos os momentos da vida. A criança está em grande processo de aprendizagem e a linguagem exerce um papel fundamental neste processo. De acordo com Goldfeld:

É preciso que a família da criança surda tenha consciência da necessidade de estimular esta criança. As informações que naturalmente a criança ouvinte recebe devem ser dadas também à criança surda, caso contrário, esta criança se desenvolve de forma bastante diferente, não chegando a níveis de generalização mais abstratos e também não utilizando a língua para pensar (2001, p. 156).

2 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se por uma abordagem qualitativa que segundo Minayo “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (2007, p.22). Pois a pesquisa buscou compreender a dinâmica da comunicação de libras entre pais com filhos surdos.

A pesquisa organizou-se no primeiro momento com a construção do referencial teórico e no segundo momento com a pesquisa de campo.

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola específica para estudantes surdos e surdo-cego da rede estadual de ensino da cidade de Manaus. Para a coleta de dados utilizou como técnica o Grupo Focal, neste contamos com a participação de 08 (oito) familiares que participavam do curso de Libras que não se limita somente aos pais, mais aos irmãos e outros

parentes que ficavam no espaço da escola (F1 a F8) e também 01 (uma) professora de Libras (P1). Os critérios de escolha dos sujeitos participantes foram em decorrência da participação e interesse durante o curso de Libras.

Cabe ressaltar que a meta principal dessa técnica é a coleta de informações geradas através de debate, não possuindo como regra a singularidade ou a convergência das opiniões. A concordância ou a discordância entre os participantes será percebida no transcorrer dos debates e nunca presumida ou entendida como pressuposto. Os conflitos, em momento algum, deverão ser escondidos, pois são de fundamental importância nas conclusões da pesquisa, bem como na abordagem qualitativa.

2.1 Instrumentos de coleta de dados

Durante a coleta de dados, utilizamos os seguintes instrumentos: roteiro de debate; diário de campo; filmadora e máquina fotográfica.

2.2 Etapas da coleta de dados

Na primeira etapa a pesquisadora (Mediadora) realizou os procedimentos éticos, no qual (a) apresentou a equipe de pesquisa presente; (b) esclareceu os objetivos do estudo e do grupo focal; (c) consultou os participantes sobre as gravações das discussões, lembrando que as fitas não seriam divulgadas e serviriam apenas para facilitar a análise das informações com o conhecimento e autorização dos participantes (d) destacou a importância da participação de todos nos debates; (e) explicou o que seria feito dos dados após o fechamento do grupo; e (f) convidamos os participantes a apresentarem-se rapidamente. Tal procedimento fez com que eles se sentissem confiantes e privilegiados por estar tomando parte do processo de pesquisa e, com isso, se engajar com afinco nas discussões.

2.4 Análise dos dados

Considerando as diversas alternativas de análise numa pesquisa qualitativa, optamos pela análise do discurso, procedimento metodológico que nos possibilitou compreender as falas dos sujeitos. Segundo Souza, a análise de discurso “mostra os processos de significação que trabalham o texto: compreende como o texto produz sentido por intermédio de seus mecanismos de funcionamento” (2006, p. 17).

É através do discurso dos pais que analisamos como se dá a compreensão do mundo da surdez em suas vidas, com a responsabilidade de entendê-las de forma particular, valorizando suas experiências e percepções ideológicas.

4 DISCUSSÕES E RESULTADOS

Tabela 03: Caracterização dos pais e alunos

Sujeito	Grau de parentesco	Série do aluno	Idade do aluno	Sexo do aluno
---------	--------------------	----------------	----------------	---------------

F1	Mãe adotiva	2º série	10 anos	M
F2	Irmã	4º e 5º série	15 e 14 anos	F/F
F3	Mãe	3º série	10 anos	M
F4	Mãe	4º e 6º série	14 e 16 anos	M/F
F5	Madrasta	3º série	10 anos	F
F6	Mãe	1º série	10 anos	M
F7	Mãe	1º série	15 anos	F
F8	Avó	1º série	15 anos	F

Fonte: dados coletados na escola em 2010

Considerando a caracterização dos sujeitos participantes da pesquisa, observa-se na tabela 03 que a atuação dos familiares na escola é bastante diversificada, as responsabilidades pelo acompanhamento do aluno passa a ser do membro familiar que tiver mais tempo livre como a mãe, a irmã, a avó, vale ressaltar que a presença feminina é predominante mesmo porque a atribuição de cuidados ainda é uma característica forte entre as mulheres. A presença da figura do pai é imperceptível nesse tipo de participação na escola, algumas vezes se justifica por ser o responsável pelo sustento da casa e por essa razão não há tempo para participar das atividades escolares ou até mesmo ocorre o abandono e a rejeição.

Na maioria das vezes, a responsabilidade de uma criança surda fica sobre a mãe que passa a viver pelo seu filho (a), em outros casos nota-se o abandono dos pais que sem as informações necessárias para entender o que de fato é a surdez acabam negligenciado suas responsabilidades, assim a criança passa a ser responsabilidade dos avôs ou outro membro da família que queira criá-lo. Brasil nos relata sobre as mudanças que trazem um filho surdo na família:

Quando um dos membros da família nasce surdo, essas mudanças podem ser acrescidas de outras, às vezes muito mais traumáticas: maior tensão e ansiedade, possibilidade de surgimento de conflitos e até mesmo desintegração familiar (1997, p. 100).

O início da escolarização dos sujeitos pesquisados ocorre de forma tardio, na tabela 03 verifica-se as distorções entre idade e série. A maioria inicia sua vida escolar com idades avançadas. Os pais em suas justificativas alegam que até então não conheciam uma escola que pudessem atender seus filhos, outros matricularam em escola regular, no entanto, não houve progresso acadêmico de seu filho. Em algumas falas percebemos que na tentativa de “proteger” segregavam seu filho em casa. Silva faz referência às leis quando diz “Embora a implementação de políticas seja o resultado almejado pelos movimentos sociais que demandam direitos, isso não é suficiente, pois a garantia do seu exercício e sua efetividade reside principalmente na mudança de valores e atitudes (2003, p.63)

Para que se possam exigir os direitos do surdo é necessário que os cidadãos os conheçam, pois de nada servirá se não for exigido o seu cumprimento. Também é preciso que nos desprendamos de valores e atitudes de incapacidade: essas ideias só demonstram preconceito na sociedade.

4.1 Analisando a importância da Libras para os pais

A Libras é a língua natural do surdo, no entanto, a maioria das crianças são filhos (as) de pais ouvintes, fator que contribui para inúmeras barreiras em seu desenvolvimento. A respeito do conhecimento da Libras os sujeitos pesquisados apresentaram a seguinte enunciação:

F1: Quem acompanha mais ele sou eu, eu digo para minhas filhas se interessarem, tanto que tem uma na faculdade, ela disse que já está tendo aula de Libras lá, tem que se interessar porque ele é muito inteligente, pega as coisas rápidas qualquer coisa ele tá corrigindo a gente, diz que está errado e eu estou aprendendo com ele.

F3: A Libras é experiência pra todo mundo, na vida a gente tem que esta preparada pra qualquer coisa, quando eu estudava aqui no centro quando eu era nova, eu achava muito bonito ver as pessoas conversando em Libras. É uma coisa assim se cada dia que passa a gente tem que procurar saber entender eles, porque se não fica difícil porque aqui pra eles é o mundo deles mas chega em casa eles se perdem junto com nós, pra eles é fácil pra nós não.

F6: Eu acho muito bom, antes eu não sabia nada. Meu filho vinha falar as coisas pra mim tanto eu quanto ele não entendia nada [...] quando ele começou a estudar eu comecei a participar das aulas às vezes (risos). Não é todas vezes que eu participo. E ai fui aprendendo não sei bem mais sei, o pouco que sei dá pra se comunicar com ele, às vezes quando eu faço um sinais errado ele me corrige.

Quando a família acompanha o desenvolvimento do filho surdo na escola, gradativamente vai rompendo com a visão da incapacidade, da deficiência e da negação da Libras . Skliar nos lembra que “inúmeras investigações já comprovaram com dados científicos rigorosos que a língua de sinais é a língua natural das pessoas surdas e que cumpre todas as funções de qualquer outra língua” (1998, p. 380). Isso faz com que as capacidades de se desenvolver sejam positivas, o que se diferencia são as metodologias ensinadas para a construção dos seus conhecimentos. Esses conhecimentos devem partir inicialmente por meio da família com interesse em educá-lo, quando a mãe relata que “ao chegar em casa eles ficam perdidos”, isso acaba refletindo as barreiras enfrentadas pelos pais com a falta da comunicação com o seu filho, por isso a importância de saber Libras, o filho não pode ser um estranho dentro de sua própria casa, ele precisa construir uma relação de comunicação com os seus familiares para fortalecer seus laços afetivos, sociais, cognitivos e culturais. E principalmente possibilitar o conhecimento de mundo. É na escola que a maioria dos sujeitos surdos tem a oportunidade de se comunicar, e isso para eles é um momento prazeroso porque, encontram seus pares e juntos descobrem a Libras e conseqüentemente uma identidade surda.

Na questão analisada no enunciado do F3: percebemos que a escola torna-se um espaço de identificação identitária, lingüística e cultural: o mais interessante é descobrirmos que não é somente a família que oportuniza no primeiro momento esse desenvolvimento, mas muitas vezes a escola também é responsável pelas primeiras experiências da criança surda, mesmo porque algumas delas foram segregadas durante muito tempo em seu ambiente familiar.

Mesmo com todas as dificuldades, o mais importante é que haja interesse dos pais em participar da rotina de seus filhos, por mais que no início ainda não haja o domínio da Libras, o filho precisa ser estimulado a se comunicar, é necessário desenvolver a linguagem, pois ele possui capacidade para expressar o que quiser, por meio do corpo e principalmente de gestos. A família deve trabalhar a capacidade do surdo se desenvolver, isso possibilita uma melhor compreensão sobre a surdez e faz com que o surdo se sinta aceito não só no ambiente familiar, mas em qualquer lugar da sociedade.

Considerando os relatos das mães, percebemos o desconhecimento da Libras tanto pela família, quanto pelo próprio surdo, no entanto, já se faz presente a necessidade de se conhecer a língua de seus filhos fato que altera as relações familiares como vimos no relato do F1.

4.2 As barreiras encontradas pela falta de conhecimento da Libras

A maior barreira se inicia dentro da própria casa quando o surdo não consegue expressar os seus interesses, e isso acontece pela falta de domínio de sua língua a qual os pais não conseguem entender.

F1: Eu lembro que quando meu filho chegou aqui no primeiro dia de aula, ele parecia um bichinho do mato, era muito irritado, chegou batendo no porteiro, e hoje não, ele sabe se comportar, mas tudo isso porque hoje a gente compreende o que ele quer falar.

F3: Porque assim quando a gente não sabe o nome das coisas em Libras a gente tem que mostrar tudo. Agora já fica mais fácil só é fazer o sinal de onde ele tiver que ele entende. É importante porque a gente aprende o que eles querem falar. Nossa comunicação muda.

O relato da mãe F1 demonstra que ainda existe a segregação por parte da família, pois se verificarmos na tabela 1 essa criança foi participar das atividades escolares somente com 06 anos, antes disso a criança tinha características agressivas não por ser “um bichinho do mato” como a mãe diz, mas por não conseguir expressar o que queria, e isso o irritava. Quem nos relata essa aflição é Laboritt:

Os adultos ouvintes que privam seus filhos da língua de sinais nunca compreenderão o que se passa na cabeça de uma criança surda. Há a solidão, e a resistência, a sede de se comunicar e algumas vezes, o ódio. A exclusão da família, da casa onde todos falam sem se preocupar com você. Porque é preciso sempre pedir, puxar alguém pela manga ou pelo vestido para saber, um pouco, um pouquinho, daquilo que se

passa em sua volta. Caso contrário, a vida é um filme mudo, sem legenda (1994, p.59).

Hoje F1 e F3 compreendem a importância do surdo ser entendido, é primordial que se melhore a qualidade de comunicação entre o surdo e sua família ouvinte, para que possa se sentir integrado e participativo em seu ambiente familiar, é importante que dê sua opinião, pois tem capacidade para isso. E não seja tratado com se fosse invisível.

Analisando os relatos percebemos que quando há troca de experiências entre os pais e filhos surdos a relação familiar passa a ser modificada. Surge a possibilidade da família compreender a surdez, e descobrir o mundo essencialmente visual-espacial e seu viés entre as culturas e identidades que se entrecruzam.

4.3 Comparando a relação pais e filhos após o conhecimento da Libras

Quando a criança surda tem a chance desde o início de seu desenvolvimento de contar com pais dispostos a aprender a língua de sinais, com adultos surdos, com colegas ou até mesmo com cursos de Libras, elas passam a narrar em sinais e a dimensão de seu processo educacional será outra.

F1: Eu e ele somos uma espécie de professor, quando nós estamos conversando o pai dele e as irmãs perguntam o que a gente tá falando, aí ele vem repete o sinal ai eu falo pra eles e eles vão aprendendo, é importante pra família toda porque a gente aprende junto.

F6: O que a gente aprende aqui, a gente passa pra todo mundo em casa, eu tenho um filho de 06 anos que sabe mais do que eu, porque ele tá todo tempo com meu filho surdo, e se comunica direto com ele. Tudo que a gente aprende passa pros outros, eu tenho uma filha que gosta muito da Libras quando ela tá sem aula ela vem, ela ajuda ele nas tarefas de casa, fala, pra ele estudar, pra não ter preguiça, porque quando ele crescer ele vai ser doutor, ai ele fica todo feliz e isso faz ele fazer as tarefas sem chorar.

A aprendizagem está presente durante todos os momentos da vida, e quando a família se propõe participar desse processo às conquistas são positivas, uma delas é o desenvolvimento da linguagem que exerce um papel fundamental neste processo. Goldfeld nos diz:

É preciso que a família da criança surda tenha consciência da necessidade de estimular esta criança. As informações que naturalmente a criança ouvinte recebe devem ser dadas também à criança surda, caso contrário, esta criança se desenvolve de forma bastante diferente, não chegando a níveis de generalização mais abstratos e também não utilizando a língua para pensar (2001, p. 156).

A participação da família do surdo na educação é significativa em todas as áreas do desenvolvimento tanto cognitivo, lingüístico e social, pois possui uma grande parcela de responsabilidade no desenvolvimento de seus filhos, porém nos estudos da psicologia moderna à outra parcela de responsabilidade em alguns momentos pode ser estabelecida pela a escola, no caso dos alunos surdos essa relação esclarece e fortifica cada vez mais a responsabilidade da escola.

Um reflexo desse alicerce construído em casa e na escola é a auto-estima, que também deve ser trabalhada para que desde pequeno o surdo construa sua autonomia e história. Quando F6 estimula a criança a valorizar sua auto-estima, passando a reconhecer suas capacidades de ter um futuro promissor.

Considerando as falas, é notório esclarecer que a surdez, por si só, não determina nem o sucesso nem o fracasso da pessoa surda, pois são muitos os fatores que influenciam a trajetória do ser humano, destaco o ambiente familiar e a educação precoce, que reflete na disponibilidade dos pais em conviver com os filhos e lhe oferecer uma educação que favoreça o exercício de sua cidadania.

5 CONCLUSÕES

Considerando o objetivo do estudo de conhecer como ocorre a comunicação entre estudantes surdos e pais ouvintes, com o propósito de esclarecer as principais barreiras encontradas pelos pais na ausência da comunicação da Libras e principalmente refletir como essa ausência pode afetar não só o ambiente familiar mais o ambiente educacional.

É possível entender, que a comunicação dos pais com seu filho surdo inicialmente é bastante fragmentada e ou incipiente, pois se resumi a gestos e mímicas, porém com o avançar da idade esse tipo de comunicação torna-se insuficiente. Alguns surdos passam a não aceitar esse tipo de negligência chegando até o momento de revolta, haja vista que, o contato com a comunidade surda já possibilita o estabelecimento de comunicação por uma canal visual e espacial.

Nesses momentos de revolta que descobrimos que apesar de várias conquistas feitas pela comunidade surda, ainda existem crianças surdas que estão segregadas, fato esse que acaba afetando o desenvolvimento global desses indivíduos, essas características são presentes na própria idade escolar que muitas vezes é tardia, como também pode-se destacar a presenças de algumas inabilidades sociais que são visualizadas no início vida escolar.

Um fator de grande relevância foi entender que a família tem a sua importância no processo de desenvolvimento de seu filho, mas essa importância não cabe somente a ela, mas também aos grupos pelo qual essa criança convive como o ambiente escolar no qual muitas vezes é responsável pela construção lingüística, identitária e cultural.

É na escola que a família busca apoio, e logo toda a ideia de incapacidade e substituída por capacidade, é neste local que os alunos surdos conhecem sua língua, descobrem sua identidade surda e desenvolvem suas potencialidades. Como os familiares relatam “aqui é o mundo deles” onde o espaço é totalmente visual-espacial, podendo encontrar assim seus pares e profissionais dispostos a ajudá-los.

Porém mais do que os profissionais dispostos a ajudá-los a presença da família faz a diferença no desenvolvimento do estudante. Partindo dessa proposta é que a escola buscou a parceria com os

familiares presentes na rotina escolar que demonstravam disposição em acompanhar seus filhos na aprendizagem, enfrentando assim as barreiras encontradas em se comunicar.

Conforme foi possível observar nas falas dos familiares, atualmente o curso de Libras possui uma dimensão muito maior do que aprender uma língua, ele representa o desafio dos familiares em participar ativamente das conquistas de seus filhos, e juntos desenvolver habilidades que até então era desconhecida, estimulando sua auto-estima e autonomia, pois o surdo possui competências para isso.

6- REFERÊNCIAS

- BRASIL, Secretária de Educação Especial. **Deficiência Auditiva** / organizado por Giuseppe Rinaldi et al – Brasília:SEESP, 1997.
- CARVALHO, Rosita Edler. **Escola inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico** – Porto Alegre: Mediação, 2008.
- CUMMINS, J. **Bilingual children's mother tongue: why is it important for education?** 2003. Disponível em: <http://www.iteachilearn.com/cummins> acesso: 28/09/2010.
- DANESI, Marlene Canarim. **O admirável mundo dos surdos: novos olhares do fonoaudiólogo sobre a surdez**. Porto Alegre, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. **Miniaurélio século XXI escolar: 4º Edição** – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus editora, 2001.
- LABORITT, Emmanuelle. **O vôo da gaivota**. São Paulo. Best Seller, 1994.
- LOPES, Maura Corcini; THOMA, Adriana da Silva. **A invenção da surdez II: espaços e tempos da aprendizagem na educação de surdos** – Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, métodos e criatividade**. 26 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- QUADROS, Ronice Muller de. **Surdez e bilingüismo**. Org. Eulalia Fernandes. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- SALVADOR, César Coll. **Psicologia da educação** – Porto Alegre: Artmed, 1999.
- SANCHEZ, Carlos. **La increíblemente triste história de La sordera**. Caracas, Venezuela: Ciprosas, 1990.
- **La educación de los sordos em um modelo bilíngüe**. Mérida, Venezuela 1991.
- SILVA, Ivani Rodrigues. **Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidade**. São Paulo: Plexus Editora, 2003.
- SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **Conhecendo análise de discurso – Linguagem, Sociedade e Ideologia** – Manaus: Editora Valer, 2006.